

O TRABALHO COM FONTES NARRATIVAS COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Laura Pires Moraes dos Santos¹
Ingrid Vitória Luciano Gomes de Souza²
Juliana Godói de Miranda Perez Alvarenga³

Resumo

A discussão acerca da formação inicial de professores e a importância da formação continuada tem se ampliado no intuito de compreender os caminhos adotados para que haja, de fato, uma educação significativa em sala de aula. Nesse contexto, decidimos ouvir estudantes ainda em formação nas licenciaturas para entender o que pensam sobre o cenário atual da educação e sobre sua futura atuação enquanto professores, considerando aqui dar espaço para estes sujeitos é parte fundamental do processo de refletir sobre os desafios e potencialidades presentes no processo formativo. Tendo a noção das narrativas como espaço de escuta, reflexão e construção de sentidos, durante o processo formativo serão aqui compreendidas como fonte para pensar a relação dialógica entre teoria e prática pedagógica, buscando por meio delas dar notoriedade ao que os estudantes de licenciatura pensam sobre seu processo de formação, refletindo sobre o que faz ou não sentido, a partir da experiência vivenciadas nos estágios, e dialogar com o pensamento de professores já formados sobre essas questões, entendendo a importância do diálogo entre pessoas de diferentes gerações e de ouvir quem já está formado e quem ainda está em formação. A partir de um levantamento de textos de autores do campo das narrativas, pretendemos dialogar e refletir sobre o impacto das narrações para o processo de formação docente. Compreendemos que, por meio das narrativas não traremos respostas prontas ou soluções definitivas, mas sim, configurar como possibilidade de construção de diferentes perspectivas formativas, ampliando a discussão acerca do campo educacional e contribuindo para uma compreensão mais sensível e crítica da formação de professores. O objetivo da presente proposta desenvolve a perspectiva de formação inicial de docentes no interior do cotidiano escolar assumindo a compreensão das fontes narrativas voltadas para o trabalho no primeiro segmento do ensino fundamental no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, articulando formação inicial e permanente na docência.

Palavras-chave: narrativas; formação docente; cotidiano escolar.

Objetivo

Com este trabalho temos como objetivo dissertar sobre a importância de fontes narrativas para o processo de formação docente, assumindo seu caráter reflexivo e formativo,

¹ Estudante de pedagogia. Bolsista do Programa de inovação em Docência (PID) no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). E-mail: lauratpress7@gmail.com

² Estudante de pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica (IC) no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). E-mail: ingridluci2911@gmail.com.

³ Doutora em Educação. Docente Adjunta do Departamento de Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (DEF/ CAp-UERJ). julianagodoym_perez@hotmail.com

demonstrando como elas podem entrar nas salas de aula das universidades como forma de superar a dicotomia entre prática e formação docente. O ato de narrar será tomado para além do movimento de contar uma história, mas assumindo sua potência constitutiva, reflexiva, formadora e levando em consideração o contexto histórico social em que as narrativas ocorrem, buscando evidenciar como a escuta e compartilhamento de experiências possibilitam os sujeitos de aprendizagem construir novos sentidos para sua atuação profissional. Ao tomar as narrativas como elemento complementativo da formação docente, tentamos aqui promover uma educação mais crítica, sensível e dialógica, onde teoria e prática se entrelaçam de modo indissociável, favorecendo a construção de saberes que surgem a partir da experiência e diálogo coletivo.

Introdução

Pesquisas recentes apontam para um apagão da profissão docente daqui há poucas décadas e as causas são diversas. Dentre elas: os baixíssimos salários; o desrespeito por parte dos alunos e responsáveis; a falta de direitos vivenciada pelo professor, o desinteresse dos estudantes e a insegurança que muitos educadores sentem, pautada em notícias diversas de ataques a professores em sala. Nesse sentido, surgem algumas questões: O que pensam os professores já formados sobre a formação docente? Os estudantes em formação chegam a assumir turmas, ou mudam de profissão antes disso? Apenas auxílios de incentivo à licenciatura bastam para garantir uma formação de qualidade e a continuidade do professor em formação no magistério? Essas são algumas perguntas que surgem nesses tempos tão sombrios que estamos vivenciando na área da educação no Brasil.

Um medo geral dos estudantes de graduação em licenciaturas é assumir a sala de aula. As incertezas que rodeiam a escola e o receio de não saber o que se esperar, ao se ver finalmente sozinho à frente de sua turma, pelo dinamismo presente nos cotidianos escolares, faz com que muitos graduandos dos cursos de licenciaturas não se sintam seguros em iniciarem sua atuação docente.

Apesar da exigência de 400 horas de estágio curricular supervisionado, conforme estabelecido pelo Ministério da Educação (MEC) para os cursos superiores de licenciatura, muitos dos alunos sentem que, mesmo após o cumprimento dos estágios, não estão preparados para que possam entender e enfrentar os desafios que o “chão da escola” pode trazer. O sentimento dominante é que há uma separação clara entre a teoria ensinada nas universidades e o que acontece no dia a dia das escolas.

O professor é visto como responsável por levar para o ambiente de sala de aula

segurança e calma, porém, é possível questionar até onde a formação deste profissional oferece capacitação para vivenciar os inúmeros desafios da sala de aula. O educador é um dos profissionais que precisa saber lidar com diferentes situações ao mesmo tempo na maioria das vezes em uma turma com vários perfis diferentes e precisa ser um bom mediador em momentos de turbulência. (Chaves, 2023. p.6).

A desvalorização do magistério também não é um assunto novo dentro da área da educação, mesmo que este venha por parte de educadores que já atuam nas salas de aula há anos. Esse movimento faz com que, além do crescente receio do futuro professor sobre sua atuação como educador, levanta questionamentos sobre a validação e reconhecimento de sua formação.

O que mais ouvimos de colegas que já passaram pelos estágios é a hostilidade com que as professoras regentes te recebem. Muitas chegam a dizer que é o momento de ‘esquecer tudo o que se está aprendendo, pois aquilo é a vida real, não teoria’ e este tipo de discurso acaba desmotivando a continuidade de nossas formações, por fazer com que pensemos que estamos só perdendo tempo durante as aulas, e tudo que foi aprendido não servirá de nada para nossa prática. Uma das iniciativas que me fazem ter esperança de enfrentar a docência é ouvir relatos de professores que já se encontram em sala de aula, enfrentando os problemas e desafios reais que ela trás. Entender as nuances deste processo e ouvir como professores regentes enfrentam isto em seus cotidianos faz com que possamos ter a mínima ideia do que nos espera no futuro. (Narrativa da bolsista Laura Santos).

O sentimento de insuficiência também se faz presente pela falta de conectividade entre os conteúdos trabalhados durante a formação e sua aplicação no dia a dia das escolas. Pelas universidades conterem um grande foco em apresentar conteúdos e conceitos teóricos para seus alunos, em certos momentos muitos destes podem acabar por se perder ao não conseguir criar uma conectividade com o cotidiano nas escolas.

Acredito que muito da nossa falta de preparo se dá pela grande separação entre teoria e prática. Ao trabalhar muitos dos conteúdos em sala de aula, nossos professores da graduação não nos explicam como vemos eles em sala de aula, e isto faz com que a gente fique somente no mundo das ideias, e tenha dificuldade de entender como os fenômenos ocorrem na vida real. (Narrativa da bolsista Laura Santos).

Fortuna (2016) em sua análise sobre a obra Freiriana afirma que “para que o ensino e aprendizagem aconteçam de forma efetiva, teoria e prática precisam naturalmente ser

conduzidas concomitantemente, esta é uma necessidade indispensável para a emancipação e realização humana” (p.66), apresentando a práxis pedagógica como forma de superar a tensão entre a teoria e prática no campo educacional. Ao apresentar este conceito, Freire demonstra que o sujeito, ao mesmo tempo que age, reflete sobre a teoria, produzindo assim novos conhecimentos, tornando evidente a dissociabilidade do estudo da teoria e da experiência prática na docência.

Apresentamos o ato de narrar como forma de quebrar a dicotomia entre as teorias pedagógicas e a prática docente, pensando-as como dispositivos teórico-metodológico que possibilita a quebra do distanciamento da sala de aula do ensino superior para sala de aula da educação básica. Nesta perspectiva, o ato de narrar se torna fonte de conhecimento e reflexão sobre si mesmo e sobre o outro. São nas rodas (Oliveira; Moraes; Braun, 2010) no contexto com o outro e com os diversos textos que rondam a sociedade atual (sejam estes filosóficos, científicos, literários, poéticos, etc) que temos a possibilidade de avançar nos processos de aprendizagem. Em um olhar mais amplo, temos o viés da formação de professores com os estudantes da graduação, pós-graduação e estágios que diariamente se formam neste ambiente.

Desse modo, realizamos no interior do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), possibilidades de articular a narrativa e a formação docente. Nesse contexto dois projetos de pesquisa vão encontro de pensar a formação de formação permanente (Pineau, 1988) “O mundo do texto e as leituras de si: formação permanente e formação docente no CAp-UERJ” e “Formação permanente no CAp-UERJ: Narrativas e Alteridades” orientados pela professora Dr^a Juliana Godói de Miranda Perez Alvarenga. Acreditamos que a circularidade presente no círculo hermenêutico ricoeuriano possibilitamos olharmos uns para os outros, acredita-se que a palavra que roda traz as interpretações do leitor e que partilha com os interlocutores o seu conhecimento. Paul Ricoeur (Ricoeur, 2010) ensina que a linguagem é o maior caminho pelo qual os seres humanos externalizam o mundo interior e, ao partilhar, possibilitando que o outro faça sua interpretação do conhecimento com base em sua própria existência e experiências no mundo.

O ato de narrar: mais do que apenas uma contação de histórias

Compreendemos a narrativa como uma forma complexa de identidade existencial, entendida no contexto do Paradigma da Existencialidade Singular-Plural Evolutiva, conforme propõe Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2024), com base na perspectiva

jossioniana. Neste paradigma, a existência humana é assumida pela dimensão de si e dos outros que o compõem. Nesse sentido, os indivíduos estão a todo momento sendo atravessados pelo aspecto social que comunga com o avançar da sociedade como um todo. A narrativa, nesse sentido, está profundamente entrelaçada com o tempo da própria existência — é mutável, dinâmica e constantemente redesenhada a partir do contato com o outro, com a historicidade e com as experiências da vida. Narrar, portanto, é ativar as múltiplas identidades (Ricoeur, 2014) que nos constituem (alter, idem, ipse), sempre em articulação com o tempo e os momentos significativos da trajetória de vida, nos quais o sujeito se dispõe a construir a tessitura da intriga narrativa (Ricoeur, 2006).

Reis (2023) apresenta a narrativa como dispositivo que permite expandir o presente, ao que após o ato narrado se abre um diálogo sobre a experiência vivida, possibilitando assim que se amplie o acontecimento a partir de diversas vozes, tempos e experiências, fazendo com que o narrador transforme suas vivências em conhecimento vivido em conjunto com seus ouvintes.

Numa perspectiva benjaminiana, a narrativa pretende quebrar com o isolamento do homem contemporâneo e o empobrecimento da experiência humana, que segundo ele, se assumiu com o advento do capitalismo na idade moderna. Na esteira da modernidade, vimos emergir outras formas de comunicação que não a narrativa, mas sim a informação. (Reis, 2013. p.9).

A autora apresenta a narrativa como forma de transmitir sentido, vida e experiência. Compreende-se que o ato vivido e narrado possuem planos distintos, porém ao compartilhar a história com os outros - inclusive com o “outro” que o próprio narrador se encontra no presente, considerando que os sujeitos se estão em constante transformação - possibilita a construção de conhecimento sobre si, os outros e o mundo, fazendo com que as narrativas ultrapassem a dimensão do relato e se constituam também como formativas e epistemológicas.

Também é importante destacar que as narrativas possuem uma temporalidade própria, não se restringindo às amarras do tempo cronológico. Ao narrar o sujeito revisita o passado, analisando suas experiências com seu olhar do presente, ao que projeta suas novas expectativas sobre o futuro, não correspondendo à sucessão linear dos fatos, mas caracterizando como uma organização simbólica da experiência. A partir desta tríptica da temporalidade, onde os diferentes tempos se articulam, possibilita-se os sujeitos a reorganização das experiências e

sua constituição de novos conhecimentos. Ricoeur apresenta as narrativas como agente mediador, que oportunizam o sujeito a organizar estruturas já formadas e criar coerência entre eventos que, ao serem vistos de maneira isolada, não teriam significado. Ao serem narradas, as histórias instauram uma distância reflexiva entre o sujeito e o vivido, dando-lhe espaço para que ele transforme aquela experiência em formadora.

Narração na formação docente

Entendendo o caráter constitutivo e transformador das narrativas é possível introduzi-la na formação docente como dispositivo que possibilita a complementação dessa formação, em que interliga a teoria docente com os diversos cotidianos encontrados nas escolas. Ao levar narrativas reais para dentro dos espaços formativos possibilitamos os alunos criarem experiências a partir do real.

Ao vivenciarmos experiências coletivas nos cotidianos escolares com os estudantes, docentes e comunidades, nos envolvemos propositivamente em ações pedagógicas formativas que movimentam saberes e constroem conhecimentos em educação. O neologismo busca dar a ver-sentir a indissociabilidade e a força dos movimentos transversais entre a construção do conhecimento narrativo (auto)biográfico em educação e os processos de formação humana dos/as os/as envolvidos/as. (Bragança, 2023. p.319)

Assumindo o caráter dinâmico do processo de *ensinoaprendizagem*, tanto dentro das escolas quanto das universidades, possibilita compreender também o caráter pedagógico dos cotidianos escolares. As diversas experiências vividas pelos sujeitos plurais dentro da escola aparecem como objeto de aprendizagem para estudantes de licenciaturas que se preparam para ingressarem na docência, pois a partir delas os estudantes têm a possibilidade de refletir e produzir conhecimento a partir do real vivido nas escolas. As narrativas aparecem como dispositivo *teóricometodológico* que possibilita a produção deste tipo de conhecimento, ao que possibilitam os estudantes interpretar experiências, criando conexões com teorias pedagógicas que estão aprendendo e atribuindo novos significados às práticas exercidas.

Narrar consiste em reflexão, tanto para os ouvintes quanto para o narrador, que têm a possibilidade de ressignificar experiências vividas a partir de novos olhares e interpretações. Assim, as narrativas se constituem como parte essencial para formação docente, ao que articulam experiências, reflexões e produção de conhecimento, ao que são pautadas nas

realidades dos cotidianos escolares.

Experiência discente em estágio

O ano era 2022 e eu estava fazendo meu último estágio (disciplina de estágio IV em geografia) e cheguei a uma escola estadual de Belford Roxo em uma turma de NEJA 1. A turma tinha poucos estudantes, mas era diversa. Tinha tanto jovens com idade entre 18 e 20 anos, como pessoas idosas vindas de diferentes locais. A professora, assim que cheguei, me apresentou para a turma, passou um texto no quadro e depois páginas do livro para que eles pudessem fazer as atividades. Não houve explicação ou conversa com os estudantes, ela saiu de sala e me deixou com eles.

Nas turmas que se seguiram não foi diferente. Eram entregues folhas com caça-palavras, cruzadinhas, atividades dos livros, mas sem nenhuma explicação sobre o que seriam planaltos ou planícies, por exemplo. Quando a professora saía, os alunos comentavam que não gostavam dela, que ela sempre fazia isso, que não explicava nada e eu vi naqueles estudantes sonhos. Sonhos de, mesmo estando fora da idade para aquele ano, se formar e conseguir um bom emprego. Ou ainda sonhos de uma vida inteira, interrompidos pela necessidade de trabalhar e que agora finalmente tinha a chance de viver - o sonho de aprender. Foi o estágio mais triste que eu fiz. Quando olhava aquela cena pensava que não queria ser aquela professora, pensava no que podia fazer para ajudar aqueles estudantes. Quando podia, conversava com eles sobre sua origem e o motivo de estarem ali. As respostas eram diversas, algumas emocionantes.

Essas respostas me fizeram pensar algo que já tinha em mente há algum tempo: eu gostaria de trabalhar na NEJA. E apesar de tudo, ainda queria ser professora. Pude falar com eles sobre a importância do ENEM e sobre a existência da UERJ e vi que as coisas não mudaram muito desde que concluí o ensino médio. Os estudantes não conheciam a UERJ. Foi muito bom conversar com eles sobre isso e sentir que ajudei a expandir os horizontes pelo menos um pouquinho. As iniciativas que tive não vieram do nada. Sim, eu gosto de conversar, gosto de ensinar e estava curiosa para a observação no estágio, entretanto, essas iniciativas foram fruto de uma formação voltada para a escuta atenta, para o diálogo e para o respeito aos educandos (FREIRE, 2001). E foi muito importante poder viver isso na prática, mesmo que por pouco tempo.

Ingrid de Souza.

Experiência discente em pesquisa

Ao decorrer do ano de 2025 tive a oportunidade de participar de entrevistas com professores em escolas públicas federais do Rio de Janeiro, localizadas nos bairros Realengo e Tijuca, enquanto atuava como bolsista do projeto PRODOCÊNCIA na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A cada relato que eu ouvia de diferentes professores ao decorrer das entrevistas, sentia como se minha visão sobre a atuação docente estivesse se ampliando cada vez mais. Poder ouvir sobre cada cotidiano que os professores vivenciavam em suas salas de aula, tendo acesso à perspectiva de diversas profissionais que atuavam no mesmo ano de escolaridade e em diferentes turnos, me oportunizou criar conexões com o que via em minhas aulas, fazendo com que muito do que não fazia sentido anteriormente começasse a finalmente criar conexão com o real vivido no dia a dia das escolas, ajudando a dar sentido para meu processo de formação. Quando entendemos os tipos de demandas que o chão da escola pode ter e temos acesso a postura que diversos professores tiveram em diferentes situações, faz com que possamos ampliar nosso repertório para além do teórico, e finalmente entender o tipo de postura que precisaremos ter no exercício da docência, fazendo com que estejamos mais preparados para quando for nossa vez de atuar como regentes. Ter este tipo de conversa com os professores, mesmo sendo guiada por um objetivo, pela objetividade científica da entrevista, fez com que eu tivesse um novo tipo de empolgação para a continuidade da minha formação, ao que vivenciei um pouco do cotidiano escolar através de cada narrativa.

Conclusão

Compreender as narrativas como dispositivo de formação nos possibilitou tirar ainda mais proveito dos relatos de professores que ouvimos. Assumir seu caráter constitutivo e reflexivo possibilitou que se observe com outros olhos as experiências compartilhadas, compreendendo que, apesar da pluralidade dos cotidianos escolares, por termos diversos sujeitos de aprendizado neles presentes, sempre há um ponto de encontro onde as experiências se entrelaçam. e os sentidos atribuídos à docência se interligam.

Narrar consiste em reflexão, tanto para os ouvintes quanto para o narrador, que têm a possibilidade de ressignificar experiências vividas a partir de novos olhares e interpretações. Assim, as narrativas se constituem como parte essencial para formação docente, ao que articulam experiências, reflexões e produção de conhecimento, ao que são pautadas nas

realidades dos cotidianos escolares.

Assumimos, com as narrativas, a renovação do espaço público, portanto, reafirma a diversidade cultural presente nas diferentes concepções de espaço educativo, ao mesmo tempo em que valoriza o saber específico do professor e as particularidades de sua profissão, evidenciando o sentido social de seu trabalho. Por isso, é essencial compreender a formação de professores no interior do cotidiano escolar como forma de publicizar as experiências realizadas e narrativas das experiências de seus sujeitos, em seus diferentes momentos de formação. Para além dos aspectos aqui destacados, é urgente abordar a escola a partir de seus sujeitos e do trabalho singular articulada reflexão *teóricametodológica* coletiva.

O compartilhamento das experiências vividas aparecem como uma complementação da formação para os estudantes das licenciaturas. Por meio deste movimento os sujeitos de aprendizagem têm a possibilidade de vivenciar, através dos relatos narrados, os cotidianos escolares que para eles ainda são tão desconhecidos. Proporcionando este tipo de aproximação com as realidades escolares pode contribuir para a redução dos receios e inseguranças para o exercício da docência.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Identidade evolutiva singular-plural e identidade narrativa. In.: Abrahão, Maria Helena Menna Barreto; Matos-de-Souza, Rodrigo; Cunha, Jorge Luiz da. Insubordinações epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica. Edição do Kindle. Curitiba: Editora CRV. 2024. s/p. V.1. (DOI. 2024-04-28T22:58:59.000).

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa; BARONI, Patrícia (org.). Dicionário de Pesquisa Narrativa. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023. (Leitura das páginas 313-323)

CHAVES, Caroline Martins; OLIVEIRA, Kélvia Teodósio; HAIASHIDA, Keila Andrade. As primeiras experiências profissionais do egresso de Pedagogia. Revista Educação & Ensino, v. 7, n. 2, p. –, 13 nov. 2023. ISSN 2594-4444. Disponível em: <https://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/article/view/504/375>. Acesso em: 10 fev 2026

FORTUNA, Volnei. A relação teoria e prática na educação em Freire. Revista Brasileira de

Ensino Superior, Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 64–72, out.–dez. 2015. DOI: 10.18256/2447-3944/rebes.v1n2p64-72. Disponível em:
<https://seer.atitus.edu.br/index.php/REBES/article/view/1056> Acesso em: 10 fev 2026.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

OLIVEIRA, Cristiane Gomes de; Moraes, Jacqueline de Fátima dos Santos; Braun, Patrícia. Rodas em sala de aula: alguns aspectos relativos ao ensino e aprendizagem no cotidiano do Ensino Fundamental. *Cadernos do Aplicação*, v. 23, n. 1, 2010, p. 245-264.

PINEAU, Gaston. *Dialectique de lecture en formation permanente. Perspectives documentaires en sciences de l'éducation*, n° 15, p. 7-39, 1988.

REIS, Graça. A pesquisa narrativa como possibilidade de expansão do presente. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 48, e123291, 2023. DOI: 10.1590/2175-6236123291vs01. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/nQt7vWPjTzxdybQ35rDy9pG/?lang=pt> Acesso em: 11 fev 2026

REIS, Graça Regina Franco da Silva. Narrativas como prática de liberdade: a tessitura de uma pesquisa. 36ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2013, Goiânia. *Anais...* Goiânia: ANPED, 2013. p. 135-136. Disponível em:
http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt13_trabalhos_pdfs/gt13_2707_texto.pdf Acesso em: 12 fev 2026

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Benedetti, Ivone C. (Trad.) São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010d. V. 3.

